A questão do olhar: subjetividade e discurso capitalista

Eléonore Pardo

Introdução

As mutações do social decorrentes da *sociedade espetáculo* e, com isso, a predominância da pulsão escópica nos fazem pensar que as modalidades de resposta a que recorrem os sujeitos irão se diferenciar consideravelmente, em um futuro próximo, daquelas que podiam ser observadas no tempo de Freud. O contexto corrompe a relação com o Outro por meio dos procedimentos de comunicação, que, sob a precipitação da imagem, impedem de pensar, para acentuar ainda mais as diversas adesões ao sistema. O sujeito, desde então, reduz-se à sua referência incondicional ao reconhecimento público, devendo, para tanto e paralelamente, responder a mecânicas condicionadas e "condicionantes", aptas a aumentar seus ideais. O que se vê modificada é a apreensão do tempo reduzido às virtualidades crescentes.

A esse respeito, observamos também que, apesar dos discursos sociais enaltecerem as auto-suficiências e as performances, os sujeitos exprimem cada vez mais sentimentos de incapacidade, esgotamento e impossibilidade para agir ou desejar. Ao operar as determinações sociais em nome de um igualitarismo fundamental, o sujeito não está submetido à expressão de sua liberdade; ao contrário, aliena-se em contingências que "não são localizáveis" e o desestabilizam. Esse mal-estar, precisamente porque difuso, não é facilmente apreendido no plano clínico, uma vez que dele decorrem as manifestações depressivas propriamente contemporâneas, que, sob a aparência de generalização, interrogam a estrutura da subjetividade. O fato é que, em geral, constata-se uma *radicalização da relação do sujeito com o mundo.*

Por essa razão, o presente artigo se dedicará à especificidade da articulação entre o social e o sujeito, na qual considera de primeira importância esclarecer a implicação do visual na estruturação subjetiva. Pensamos que o fato humano, notadamente à luz da psicanálise de amanhã, só encontrará sentido se forem postos em perspectiva os aportes teóricos sobre o *objeto olhar como objeto causa do desejo.* Com o objetivo de maior clareza,

pautaremos nossas idéias pelas contribuições lacanianas sobre a questão do objeto e de sua relação com os discursos. Veremos, assim, que, hoje, o domínio do discurso capitalista repercute na apreensão do tempo virtual, a ponto de cravar no sujeito a relação com o imaginário em detrimento do simbólico.

relações do objeto *a* com os discursos sociais

O homem é questão de significantes, ou seja, ele é coagido à incerteza, à subjetividade. Nele, a articulação entre o desejo inconsciente e a linguagem não pode ser reabsorvida em um conjunto de conhecimentos. A experiência cotidiana, aliás, testemunha a constatação de que a fala ultrapassa a intenção de quem a formulou. Há, irremediavelmente, um *mal-entendido* persistente, porquanto resultante da estrutura da linguagem. De fato, o sujeito só pode ir de encontro ao *desconhecimento do discurso*, mesmo que ele não cesse, como ocorre na análise, de tentar elaborar o que diz respeito à sua história. Apesar de suas tentativas, ele é sempre levado a impasses que lembram sua falta constitutiva, a falta original de sua completude. Isso permite afirmar também que a estrutura do inconsciente se articula ao discurso do Outro universal. "[É] essa parte do discurso concreto como transindividual que falta ao sujeito para restabelecer a continuidade de seu discurso consciente"[1]. Contudo, uma vez que o sujeito se forja também a partir dos olhos do Outro, é igualmente confrontado com seu olhar. Digamos que o homem, se confrontado com a fala que permanece muda no lugar do Outro, não poderá existir sem que nele se misture o Outro do olhar. Conseqüentemente, entre voz e olhar, interroga-se o duplo *médium* do desejo do Outro, por meio do qual o sujeito deve inscrever-se na singularidade de seu sintoma, razão pela qual Lacan afirmou: "Para todo ser falante, a causa do desejo [o objeto *a*] é equivalente à sua divisão de sujeito"[2].

[1] Lacan. *Écrits* (1966).

[2] Lacan. *Le Séminaire – livre 20: Encore* (1972-1973/1975, p. 114).

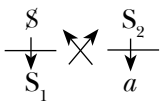
O objeto *a*, no entanto, não pode ser apreendido sob a forma de uma preensão. Ele é uma causa exterior ao sujeito, que se vê afetado seja pelo desejo, seja pela angústia; uma exterioridade anterior a uma interiorização, isto é, a que o sujeito se perceba como "eu" (*je*) no lugar do Outro.

O sujeito, do mesmo modo, não se torna uma entidade independente em decorrência dos objetos *a* que o determinam. Sua consistência se obtém dos discursos que definem os tipos de laço social. Ora, é precisamente porque os discursos não se equivalem que diversas relações surgem para tentar explicar o que é incompatível entre o gozo e o significante. O discurso do

mestre, por exemplo, escreve a impossibilidade de o significante se unir ao saber, sem que se perca como significante, ao passo que o discurso analítico traduz a razão dessa impossibilidade pela irredutibilidade do real, já que o sujeito jamais receberá seu ser de gozo perdido pela fala, pois essa perda constitui tanto o sujeito quanto seu desejo. Resta, porém, o fato de que tudo isso só opera sob o governo de leis simbólicas, formulando-se, obrigatoriamente, o problema de suas articulações, sobretudo hoje, quando assistimos ao apagamento das grandes referências tradicionais em face do predomínio insaciável do discurso capitalista. O que se abalou se refere *ao simbólico*, uma vez que ele não só é a própria ordem da linguagem, possui seu próprio funcionamento e comanda o sujeito, como inclui regras e regulações, da proibição do incesto às formas mais cotidianas de limitação do gozo. Por conseguinte, como explicar esse fenômeno com base no discurso capitalista? O que, no fundamento desse discurso, altera o simbólico e segundo quais modalidades ele o consegue, isto é, o que, em seu princípio, veicula sua propagação?

o discurso capitalista

Em primeiro lugar, deve-se especificar o que é o discurso capitalista escrito por Lacan da seguinte forma:



Essa escrita ressalta que tal discurso se fundamenta na *foraclusão da castração*, isto é, na rejeição radical de tudo o que eventualmente limitaria a busca de gozo. "O que distingue o discurso do capitalismo é a *Verwerfung*, a rejeição, para fora de todos os campos do simbólico, cuja conseqüência, como eu já disse, é a rejeição de quê? Da castração. Toda ordem, todo discurso que se aparenta com o capitalismo, deixa de lado o que chamaremos simplesmente as coisas do amor"[3]. De fato, existe uma torção que inverte os termos e os lugares, provocando entre eles um trajeto circular. Isso quer dizer que, nesse discurso, não há impossível e que se pode retornar ao ponto de partida depois de se ter percorrido todos os lugares. Nenhum vetor religa o sujeito a um saber, que se torna valor de mercado, em vez do gozo. O sujeito dividido tende a ficar em posição dominante, decorrendo disso que o meio-dizer da verdade se anula, isto é, a verdade não é mais mascarada pela divisão subjetiva e, potencialmente, pode-se tudo dizer.

[3] Lacan. *Le Séminaire – livre 19: ...ou pire* (1971-1972) (Inédito, aula de 2 de dezembro de 1971).

Em outras palavras, o discurso capitalista é dominado pela ciência e pelo mercado, embora seja entendido como uma forma de laço social. É ele que dá lugar à mundialização e à globalização. Isso é ainda mais verdadeiro quando o discurso *desinibido* do capitalismo funciona demasiado bem: "O discurso capitalista é alguma coisa loucamente astuciosa [...], funciona como se estivesse sobre patins, não pode funcionar melhor. Mas, justamente, anda depressa demais, se consome tão bem que se consuma"[4]. Digamos que o discurso capitalista se caracteriza por uma lógica calculada de ingurgitação e excreção: uma dá lugar à outra, e vive-versa. Não se trata de uma posição de desejo, assim como não há outro com quem atar laços. Isso equivale a dizer que não há lugar para os encontros, as contingências do amor, já que o sujeito é restringido às suas necessidades.

[4] Lacan. Conférence de l'Université de Milan (1972) (Inédito).

Assim, é em um objeto do mundo que é possível se sustentar, satisfazer-se e, por vezes, até mesmo encontrar sentido para a existência. Ou então, é ao outro, entendido como pequeno outro, que se confere a prova de uma excepcionalidade identitária, exatamente quando este está preso no sistema. Predomina, portanto, a ascensão de um mundo organizado segundo a *lógica do rendimento* e não mais o apelo ao Outro como lugar da verdade. Essa queda faz com que o sujeito seja, a um só tempo, isolado e velado de uma parte dele próprio, a que se exprime na estrutura de sua fantasia, ou seja, essa parte na qual ele orienta sua relação com os objetos *a*. Se, de outro modo, ele procura fazer valer sua consistência, é justamente porque os limites da falta invariável da linguagem são falsificados, dissimulados, em benefício de *latusas*, da multiplicação dos objetos de substituição. Ora, é precisamente esse fenômeno que, na reciprocidade, faz ocultar o próprio do desejo e rever o laço do sujeito com o mundo exterior, trate-se quer de um objeto no sentido comum, quer de um sujeito.

as repercussões da imagem no tempo do vir a ser virtual

Porque vivemos em uma *sociedade espetáculo*, segundo a expressão de Merleau-Ponty, o apagamento do desejo caracterizado por uma busca de satisfação orientada pelos objetos do mundo exterior passa principalmente pela imagem. Tudo acontece por intermédio dos procedimentos de comunicação, que, à sua maneira, têm influência sobre os sujeitos, que oscilam entre o *assujeitamento* e o *abalo dos sentidos*. Tais fenômenos podem ser constatados porque nossa capacidade de representar o mundo para nós mesmos está alterada. A programação das redes de informações "maquinais" e abstratas nos impede de pensar,

precipitando os acontecimentos, fazendo-os convergir, sem qualquer classificação, para um *tempo paralítico* em que presente, passado e futuro se cristalizam em uma perpétua eternidade. Ora, o que se põe em jogo é a *dimensão humanizante*, já que o *virtual* generalizado impulsiona não apenas a reconsideração da apreensão das distâncias espaciais e do tempo, como também a organização familiar das coisas. Dificilmente recusamos sua presença invasora, sobretudo porque não temos recuo. Ao nos fazer sucumbir à vertigem da aceleração, produz-se uma aniquilação da fronteira entre o pensamento e a imagem.

Com efeito, os acontecimentos surgem em transmissão direta, em tempo real, por meio da presença ostensiva e onipresente dos sistemas audiovisuais. Eles tanto restituem o vivido na instantaneidade de sua aparição quanto os pulverizam mediante sua especificidade manipuladora. Disso decorre a dificuldade em fazer valer simples variações subjetivas do imaginário ou características próprias às impregnações socioculturais. Trata-se, inversamente, de intimações imperativas que regulam, sem que o saibamos, nossa abordagem do mundo e que misturam e confundem o subjetivo com o objetivo. O homem é capturado pela armadilha de uma *sociabilidade transparente* e desdobra seu ser nesse novo tempo em que se faz observador e ator. A multiplicidade das coisas que são dadas a ver o deixa sujeito à impossibilidade de apreender o que está à sua volta de um ponto de vista crítico. Nesse contexto, o tempo de que se trata não é o do humano, mas sim o tempo da *a-memória da tela*, que superpõe e apaga as imagens. Em outros termos, a exigência de visibilidade afeta o que implica o invisível, sem o qual não poderia haver relação, barra entre dois termos indispensáveis a uma construção. O desaparecimento dessa distância faz desmoronar a relação com a imagem e, do mesmo modo, a apropriação do tempo que só emerge em decorrência da fala.

Para ser mais precisa, ao habitar o cotidiano de todos, a dominação da imagem, no próprio princípio das pressuposições capitalistas e de seu discurso, exerce a mais feroz das violências simbólicas. O homem se vê *volatizado*. Faz-se nômade, desenraizado e se apresenta apenas ao sabor das intenções, que lhe são superiores e permanecem não localizáveis. Ele é levado pela nebulosa formada de imagens virtuais para um fora das fronteiras do simbólico, em um ponto de retorno de um real traumático.

Retenhamos, então, que as imagens virtuais obrigam o esvaziamento sumário da intimidade, uma vez que são simples receptáculos da realidade. Elas esperam que as apreendamos, quando, ao contrário, deveríamos considerá-las *significantes desemparelhados* do mundo e mesmo simples signos que nos dão

motivos para decifrá-los, a fim de apreender sua essência. Mas se as coisas se implicam assim, é, como veremos a seguir, em função do próprio modo de estruturação do sujeito.

a estrutura do sujeito

Entre o visível e o invisível do olhar

De fato, as coisas se dão a ver no domínio do visível. Elas, contudo, só são visíveis devido ao campo do imaginário, por meio do qual o mundo especular das imagens transparece. Em contrapartida, há uma parte do meio ambiente que não pode ser apreendida pelas imagens e que, por conseguinte, permanece no espaço invisível: a ordem do invisível, constituída pelo real pulsional que recobre o escópico, domínio do olhar como objeto *a*. Entre esses domínios, caracterizados, de um lado, pelo imaginário e, do outro, pelo real, situa-se o simbólico, que, ao mesmo tempo que os separa, articula-os. A teoria lacaniana tende a demonstrar o simbólico operando a disjunção entre imaginário e real, assim como intervindo parcialmente na percepção. Ele intervém porque especifica a relação do sujeito com o significante presente em todo fenômeno visual. A linguagem, em razão de sua estrutura particular, influi na percepção do sujeito, mesmo se isso passar por uma imagem. O simbólico, contudo, é eclipsado por essa mesma percepção, que permanece no nível do imaginário. Ora, para que seja assim, é preciso que o Nome-do-Pai intervenha no lugar do Outro, do olhar, que interdita o gozo total. Esse Outro tem, efetivamente, uma função estrutural sobre a realidade do sujeito, uma vez que faz barreira ao objeto *a,* ou seja, ao objeto da pulsão. De fato, esse objeto não surgirá no fenômeno, pois, como diz Lacan: "[O campo da realidade] só se sustenta pela extração do objeto *a*, que, no entanto, lhe fornece seu enquadre"[5]. Isso quer dizer que, para o sujeito, o campo da realidade se constitui sob a condição de que, simultaneamente à sua própria entrada no campo do Outro, o objeto *a* seja dele extraído. Assim, o Outro será faltante, barrado, inconsistente. O objeto *a* não faz parte da realidade, mais especificamente no que concerne ao objeto olhar, porquanto não está presente no campo visual, embora faça parte deste. Ocorre que, na sociedade contemporânea, o *Outro se tornou "ilocalizável"*, devido ao apagamento das referências simbólicas, tornando possível pensar que, de fato, é possível apreender novas estruturas clínicas diferentes da neurose, da psicose e da perversão. E seja essa hipótese verídica ou não, parece, antes de tudo, que o discurso capitalista da sociedade vetorializado pela imagem incide sobre a estrutura e, mais particularmente, no nível do objeto olhar. Prosseguindo em

[5] Lacan. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1958/1966, p. 553-554).

nosso percurso, devemos insistir, com Lacan, que o objeto olhar como objeto *a* é quem dá visibilidade ao vidente.

O olhar, objeto causa de desejo

"Em nossa relação com as coisas, tal como constituída pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, alguma coisa desliza, passa, se transmite, de etapa em etapa, para ali ser sempre, em algum nível, elidida – isso é o que se chama olhar"[6]. O olhar não é assumido por meio de uma mestria; ao contrário, ele é inesgotável e indomável. Desde então, o sujeito perceptivo é um sujeito percebido, uma vez que o olhar, do qual ele fala, não é um olhar do sujeito, mas um olhar que incide sobre o sujeito. Do mesmo modo, onde a visão acontece, o olhar se eclipsa. Visão e olhar não se confundem. São distintos e dividem o campo visual por meio da pulsão escópica que garante o "dar-a-ver" do sujeito. É por essa pulsão que o sujeito é afetado por um olhar que o objetiva, excluindo-o do domínio da visão. Lacan enuncia: "Olho e olhar, esta é para nós a esquize pela qual se manifesta a pulsão no nível do campo escópico"[7].

[6] Lacan. *Le Séminaire – livre 11: Les quatres concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964/1973, p. 70).

[7] *Ibid.*

Assim, entre olho e olhar há uma *esquize*, um corte que, na lógica lacaniana, remete àquela existente entre o real e o imaginário. Nessa perspectiva, o real recobre o campo da pulsão, que só se apreende através do gozo, desde que surja algo da ordem da satisfação. Mas é precisamente por nossa sociedade ser *oni-voyeurista* que a distância entre o olho e o olhar não nos parece mais suficientemente efetiva, ocultando simultaneamente o que é próprio ao desejo e as expressões sintomáticas características das diversas categorias psíquicas. Repertoriam-se, aliás, numerosas disfunções, que vão de distúrbios narcísicos a perversões, passando por dependências e adições, no momento em que a grande tendência é reagrupar essas manifestações sob o vocábulo genérico de *depressão*. A depressão, hoje, parece constituir a patologia dominante ou, ao menos, a que é mais freqüentemente evocada; seu diagnóstico é usado em casos muito diferentes, que se referem seja a momentos de ansiedade comum ou de profundo sofrimento moral, seja a preocupações passageiras da vida cotidiana e a estados de inibição que perduram há muito tempo.

Tais correlações não são facilmente compreendidas. Forçam-nos, assim, a nos perguntarmos se elas não tenderiam, sobretudo, a fazer valer uma paralisia da ação em que se misturam impotência e utopia decorrentes do apagamento do desejo. De fato, não se trataria de pensar que a erradicação da fronteira entre o olhar e a visão suspende o sujeito na inatividade, uma vez que esta atenua consideravelmente a emergência da fala?

à guisa de conclusão

A linguagem é o que especifica o humano, tal como demonstrado na primeira parte deste texto. Isso faz com que o homem seja antes de tudo um *falasser* evanescente, cujo ser decorre da fala. O sujeito, portanto, existe depois de haver a linguagem. Assim, o fato de a clínica provar a emergência de novas manifestações sintomáticas que chegam a questionar as organizações psíquicas nos leva a concluir que isso não quereria dizer que o sujeito não pode evoluir ao longo do tempo, ainda que a linguagem constitua um sistema estrutural supostamente imutável. Em vez disso, o sujeito se articula com a história em uma determinada época que se caracteriza pela preeminência de um discurso social particular. Pareceu-nos, então, que, sob a aparência do mundo virtual, o discurso capitalista procede obviamente no plano da linguagem, mas também em um ponto de olhar pelo qual o sujeito se altera. O apagamento de uma distância fundamental entre a visão e o olhar o lança no desconhecimento, enquanto as ilusões suportadas pelo imaginário ocultam seu poder de resposta. Isso nos faz dizer que a peculiaridade da sociedade contemporânea, à luz do discurso capitalista, suportado pela circularidade sem fim das imagens, é o que está na origem do apagamento da ordem simbólica, ou seja, o que determina a potência do imaginário propriamente moderno.

TRADUÇÃO
Contra Capa



referências bibliográficas

LACAN, Jacques. (1958). D'une question préliminaire à tout traitment possible de la psychose. In: *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 11*: *Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse* (1964). Paris: Seuil, 1973

LACAN, Jacques. *Écrits*. Paris: Seuil, 1966.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 19: …Ou pire* (1971-1972). Inédito.

LACAN, Jacques. (1972). Conférence de l'université de Milan, 12 mai. Inédito.

LACAN, Jacques. *Le Séminaire – livre 20: Encore* (1972-1973). Paris: Seuil, 1975.

resumo

Com a hipótese "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", Lacan demonstra que o homem é dividido pelo significante entre sujeito falante e falado. Ao ter promovido, ao longo de seu ensino, o objeto olhar ao mesmo nível que a voz, fez com que se explicitasse o fato de o sujeito ser igualmente ordenado pelo visível. Por essa razão, o sujeito também é condenado a ser olhado por esse algo que faz o mundo e com o qual ele deve pactuar, a fim de sustentar seu lugar de sujeito. Em outras palavras, ele é virtualmente olhado de todos os lados, e seu olhar pousa sobre o mundo que o concerne tanto quanto ele o encarna. Como o objeto olhar não é claramente repertoriado no inventário freudiano, é negado por alguns praticantes da psicanálise. Em nossa sociedade que valoriza a mídia e o narcisismo, como se pode ir além do destino pulsional do registro do escópico? Não é lhe dando um status "de objeto", fazendo dele o detentor da função do objeto *a*, que podem ser especificadas as incidências contemporâneas da sociedade sobre a subjetividade?

palavras-chave

olhar, objeto *a*, discurso capitalista

abstract

With his hypothesis “the unconscious structured as a langage”, Lacan shows that the man is divided by the significant, so that he is together a subject talking and talked to. Because through his teaching he promoted the object-look as well as the voice, he showed that the subject is equally ordered to the visible. It is why the subject is fated to be looked at by that thing which makes the world and with which he must treat in order to support his place as a subject. In other words, he is virtually looked at from all sides and his sight, in return, considers the world he feels concerned about as well as he represents. Because that object sight (as well as the object voice) is not obviously identified in the freudian inventory, he is denied by some of the people who practice psychoanalysis. Still, in our society which promotes the media and the narcissism, can we overlook the instinctive fate of the scopic register? Is it not in giving it a “object” status, making of it a substitute of that function of object *a*, that we can specify the contemporary influence of the society on the subjectivity?

key words

sight, object *a*, capitalist speech

recebido

12/08/2006

aprovado

02/10/2006